



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

v.4 - n.8 - Janeiro - Junho 2009

Semestral

Artigo:

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA E AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA.

Autora:

Marciane Luchese¹

¹ Pedagoga formada pela UDESC, Pós Graduação em Educação Interdisciplinar com ênfase em Psicopedagogia pela IDEAU, Getúlio Vargas/RS. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na E.M.Gilberto Tavares. Endereço: Rua: Neusa Marques nº 2327, Centro de Bom Jesus/SC. (49) 88040776. Email: marciane.luchese@bol.com.br

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA E AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA.

Resumo: É inquestionável que para o desenvolvimento da criança e seu bom relacionamento na sala de aula, depende das relações que ela estabelece dentro e fora da escola. Este artigo conduz uma análise sobre as relações da família e da escola e o papel que o psicopedagogo tem em articular essas ações contribuindo para a diminuição dessa distância entre os educadores e os familiares de seus alunos, demonstrando a importância de uma íntima ligação que os dois lados paralelos devem ter, sendo que de um lado está a família e do outro a escola, os dois pontos de apoio fundamentais ao ser humano, através do novo paradigma que a educação tem nas suas várias maneiras de ensinar, sabendo que não só a escola, mas o papel da família também é essencial para um bom desempenho do indivíduo, compreendendo assim a sua formação social, baseada na filosofia da escola.

Palavras-Chave: Educação, escola, família.

Abstract: Is unquestionable that the development and the good relation of the children in the classroom depends of the relation that she establish inside and outside in the school. This article lead an analysis about the relation of the family, school and the paper of the psicopedagogo. Both must to meet contribute to the fall of the distance between educator's and family of the students, demonstration the importance of the connections intimate that the two parallel sides will have. On the one side have the family and on the other side school, two points of the support fundamental to the human being. Through of the paradigm new that the education has in the yours several ways teaching knowing that alone the school, but the paper family is too essential to the good performance guy, understanding as your social formation jointed in the philosophy of the school.

Key words: Education, School, Family.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Analisa-se as relações da família e da escola, através de seu processo histórico e significativo a cerca das mudanças de paradigmas e das mais variadas funções que hoje a escola exerce, bem como também discute sobre as limitadas contribuições que hoje a família tem para com a escola. Não só a escola é capaz de educar, nem tão pouco só a família, mas compreende-se que as duas instituições fundamentais de apoio ao ser humano, são a escola e a família, através das suas íntimas ligações que deveriam ou que devem ter em comum.

Aborda-se o assunto sob o ponto de vista que a escola assume sozinha, hoje muitos papéis que antes ela somente contribuía, entrava como parceira. Atualmente ela não é mais parceira e sim seu papel se inverteu; é a escola quem tem que correr atrás da família da criança para ver se essa família tem ou não tempo de contribuir, quase sempre de maneira insistente e taxativa, para conseguir por em prática a ação ou a contribuição dos responsáveis

pelos seus filhos. A família abdica de seus deveres para com seus filhos, alega sempre a falta de tempo. Se tornando a escola, a única responsável para com os seus.

Investiga de que maneira é possível promover uma maior relação entre a família e a escola, sempre pensando na melhoria dos rendimentos escolares e no aprendizado efetivo do educando.

O professor muitas vezes se encontra a beira do descaso. Sem incentivo e estímulo, dentre inúmeras razões de seu cotidiano, também acaba caindo na rotina de seu trabalho e sem saída. Muito se sabe e muito também tem se discutido que os educadores exercem múltiplas funções dentro e fora da sala de aula, afastando-se ou distanciando-se do diálogo com as famílias.

Os alunos são matriculados, muitos sob a força da lei; os pais levam ou até mesmo despejam as crianças na escola, elas se sentem desestimuladas e desinteressadas pela escola. Muitos vão porque a lei obriga eles estarem lá, mas sem o desejo de quer aprender.

Aí vem o que se chama de fracasso escolar. O professor tenta de todas as maneiras cativarem o interesse desse aluno. Convoca os pais e, raramente eles aparecem e a tarefa de cuidar e zelar por ela, passa claramente como sendo única da escola. O professor passa a somar na sua profissão muitos outros papéis levando ao stress, depressão entre outras doenças desenvolvidas emocionalmente por muitos professores. E, o quanto seria mais gratificante, mas proveitoso e satisfatório de tanto as famílias como os pais se preocupassem na formação dessa criança para uma boa concepção do caráter, de mundo e de homem?

Considera-se dessa forma a importância do papel que o psicopedagogo tem na escola. Faz-se necessário que o psicopedagogo tenha um olhar clínico; esteja sempre disposto em contribuir junto ao professor e sua família, estando presente sempre com intuito de verificar e compreender ambas as partes, tanto a escola quanto a família.

O psicopedagogo sem sombra de dúvidas deve compreender e saber que a criança interage, troca conhecimentos, mas na maioria das vezes ela precisa através dessas trocas somar forças. Tanto a família quanto a escola são dois pontos de apoio a ela, esses dois pontos devem estar juntos, balanceados, cada um com sua função.

Os dois pontos de apoio unidos devem estar bem intencionados, a família e a escola adicionam em si, apesar de suas singularidades, toda a ação que irá fundamentar a vida da criança através de seu caráter e na boa formação social do ser humano. Ela sai de casa e é inserida no mundo coletivo, interage com as outras crianças, e através dessa mediação há uma ligação entre ela e o mundo e seus conhecimentos. Concebe-se aí a sua adaptação com o mundo e as pessoas que são formadas por uma sociedade que possui inúmeras regras.

Tudo o que somos e tudo o que nos cerca, são soma das nossas relações sendo que sempre possuem uma intenção, boa ou má, depende da época e como classificamos. Para Freire (1987), não existe uma consciência antes e um mundo depois e nem vice-versa, pois a intencionalidade da consciência humana não morre na espessura de um envoltório sem reverso, ela tem dimensão sempre maior que os horizontes que a circulam. Partindo dessa premissa, compreende-se que não existe escola sem intenção e nem pais desintencionados, e sim pais mal intencionados, mas o que se necessita considerar é que as crianças já vão para a escola possuindo uma consciência e também precisa compreender que tanto a família quanto a escola devem trabalhar juntas sempre se aprimorando e partindo pela sensibilização e logo se inicia a tomada de consciência nas múltiplas relações que estabelecem entre si nessa grandiosa jornada de formação do caráter e do sujeito no que se completa com o ato de educar, e educar para a vida.

2 RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

Desde muitas décadas vem se discutindo na escola sobre a importância da contribuição da família no desempenho da criança, já que muitos alunos estão à beira do fracasso escolar causado pelo “abandono” dos pais no tratamento e nas relações com seus filhos na escola.

Aprofundar-se essas discussões, ampliando seu universo de foco direcionados a estes aspectos que envolvem a sociedade através dos fatos do cotidiano, que de maneira “direta” ou “indiretamente” acabam por afetar psicologicamente tanto o aluno quanto o professor, “retardando” ou em outras palavras indo mais lentamente o desempenho do aprendizado por parte do aluno, causados pelo desestímulo da família na contribuição que se deve ter para com a escola.

O educador devendo sempre estar atento a esses focos, deve intervir de maneira dialética e qualitativa, proporcionando ao educando através dos conteúdos e atividades, de maneira contextualizada, para que o mesmo se sinta capaz de localizar-se com os acontecimentos do mundo, logicamente, também com os de sua família e de sua sociedade.

Neste caso, o psicopedagogo pode diminuir essa distância, já que existe um paradigma, da família se deixar levar pelo fato de que a escola é a única responsável pela aprendizagem e a educação moral de seus filhos. O psicopedagogo deve intervir com seu olhar clínico promovendo encontros com a família de maneira harmoniosa e agradável, divulgando e expondo a escola de maneira legal, mostrando o desejo que a escola tem em

querer ensinar seus alunos, de maneira e que sempre esteja comprometida com a educação dos seus.

Tanto a escola quanto seu educando, devem estar atentos uns aos outros, pois não há escola sem aluno e nem aluno acredita-se que nem aprendizado sem relações propostas pelo coletivo das pessoas.

Mostra que durante o período da nossa formação, aprendemos que a educação é um processo coletivo e sempre acontece no espaço onde o sujeito está inserido. É na escola sendo esta por sua vez regida por algumas políticas públicas tendo como objetivo a realização do bem comum tanto nas ações imediatas, quanto nas de longo prazo na sociedade.

Na sala de aula o processo educativo não se dá simplesmente, pelo dueto entre o professor e aluno. Neste caso entram as profundas relações estabelecidas com a família, colegas, e os demais que se relacionam consigo, dentro e fora do espaço escolar.

Para se formar um bom aluno, a escola deve fortalecer a tríplice aliança entre as suas instâncias, além de fortalecer o espaço sócio-cultural e o familiar; este por sua vez deve valorizar os outros dois e propiciar o acesso a eles.

A escola só tem sentido quando servir para as pessoas se socializarem, e os pais devem preparar seus filhos para agir com responsabilidade, pois através dessa era moderna e com tecnologias muito avançadas, se torna cada vez mais individualista, se perdeu com veracidade os valores que antes eram passados de geração por geração através dos pais. O mundo se tornou um espaço de competição severo, onde sobrevivem os mais fortes. A escola deve servir ao contrário. Pode ser um espaço de competição, porque não! Porém ela deve oportunizar os mais “fracos”, levar em conta a idéia do coletivo, dos trabalhos em grupo e preparar os indivíduos para ouvir mais. Necessita-se de pessoas que ouçam mais. Mas é através da árdua tarefa do ensinar e aprender com prazer, acima de tudo, deseja-se que essa escola se torne um espaço gratificante e harmonioso para todos, tanto para os alunos quanto para sua família e todos os demais que se relacionarem com ela. Necessita de uma escola também que esteja de portas sempre abertas ao diálogo e às pessoas.

O papel da família é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, sua adaptação e sua inserção no universo coletivo.

O clima de ternura e afetividade em famílias onde os pais verdadeiramente amam seus filhos cerca-os de permanente proteção que só na escola ensina a dobrar e a negociar. Mas a escola possui também uma finalidade profissional [...] e ensina através da solidariedade a importância e o sentido do trabalho [...] Toda a escola é um centro epistemológico por excelência (ANTUNES, 2002, p.17).

Considerando que como sendo a família e a escola pontos de apoio ao ser humano, o professor deve ter amor à sua profissão, adorar o que faz e fazer acontecer com prazer acima de tudo. Mas acontece em muitos casos que tem professores que não estão satisfeitos com a educação.

É complicado você trabalhar em uma sala de aula onde em certos casos há o excesso de zelo por parte dos pais, o exagero em cuidados, e em outros casos aparece o contrário o verdadeiro esquecimento levando ao caos o verdadeiro descaso para com seus filhos e nas suas relações para com a escola.

O professor considera a família como ponto inicial e principal no alicerce neste processo tão precioso que é o ato de educar.

Em novembro de 2007, a Revista Nova Escola, publicou os resultados de uma pesquisa realizada pelo IBOPE, intitulada: “A Educação Vista Pelos Olhos do Professor”. Seus resultados foram alarmantes.

Quase todos os professores, colocaram que o maior problema na sala de aula é a ausência dos pais. Entre todos os professores que foram entrevistados, todos ressaltaram o trio dos itens que mais afetam o bom desempenho e a realidade de nossas escolas. Sendo como os outros dois, a falta de motivação e a indisciplina que existe dentro da classe. “Sentindo-se impotente, o professor procura as causas e fatores externos e cria uma situação que o prende: já que não pode mudar a família do aluno, ele acha que não é possível ensinar” (GENTILE, 2007, p.35).

O desestímulo entre os profissionais é muito grande. A sensação e o desânimo em certos casos são considerados ainda maior. Chega junto com tudo isso o fracasso escolar, pois a participação da família neste caso é fundamental para o bom desenvolvimento da criança.

O professor deve se preocupar sim quando não há interesse dos pais pela escola. Mas o professor também necessita compreender que os pais estão cada vez mais atarefados, alegando não ter tempo aos seus filhos, por mais que se saiba que não é verdade. “Os professores assumiram o discurso infundado de que a escola não tem mais valor e agora tem dificuldade em ver a instituição como responsável pela seleção e formalização do conhecimento” (FAVARETTO, 2007, p.38).

Não há mais a possibilidade de correr atrás de ensino, sem antes a sociedade e propriamente a escola pensar em ter que educar os pais. A maioria dos pais matricula seus filhos e nem se dão ao trabalho de conhecerem a proposta pedagógica da escola onde insere seus filhos. Simplesmente descarregam o peso única e exclusivamente na unidade escolar. Só

aparecem às vezes para reclamar que seu filho teve notas baixas ou que foi esbravejado por algum colega.

Os educadores atuais compreendem e acham pertinente desvendar o novo papel do professor que é o de atender ao aluno que não vem mais “pronto” de casa para a escola. Sendo hoje a função árdua do professor, ter que educar sozinho, além disso, ter que dar carinho, levar no médico, dentista e outros, se forem o caso. Por isso que nas escolas se exige entre os educadores níveis mais elevados e especializados.

Se forem analisadas algumas listas de quais habilidades que o professor deveria ter, não acharíamos respostas eficientes do que o professor deveria fazer primeiro. Ter que seguir na regra o programa e o cronograma da escola, além de tudo ter que preparar e dar aulas com muitos exercícios e atividades que chamem mais atenção da escola do que as atividades e programas que se passam fora dela, utilizar de vários recursos e métodos recomendados pela instituição fazendo conveniente e a sua filosofia; sempre exigindo respeito, ordem e disciplina dos alunos. E como se não bastasse ainda, dar notas avaliando adequadamente cada aluno, de acordo com a sua singularidade. Acha que é pouco? Isso não esta fora da moda. É bem assim mesmo. Aí se depara com tantas parafernália, burocracias e o desrespeito que vem humilhantemente de quem? Das próprias famílias que nessas horas deveriam ser companheiras de corrida, valorizando e contribuindo para o crescimento e a luta diária do professor.

Para Perrenoud,

A escolaridade obrigatória constitui uma formidável máquina de privar os pais de seu poder educativo, para ‘entrarem no molde’ de bons fiéis, posteriormente de bons cidadãos, mais tarde de bons trabalhadores e de bons consumidores. A criança deixou de pertencer a sua família. A lei obriga os pais não somente a proverem à educação de seus filhos, mas a cederem uma parte dela à escola. As leis mais ‘liberais’ não impõem à escolarização, mas a instrução. [...] os textos mais hipócritas afirmam que a escola é a ‘segunda família na educação de seus filhos’. Evitam dizer que essa assistência não é negociável, que não é absolutamente uma resposta de necessidade de ajuda. [...] os pais tem interesse de esperar da escola o que ela exatamente oferece (2000, p.110-111).

Perrenoud privilegia toda a prática inovadora, e as coloca como sendo as dez novas competências para o professor ensinar. Competências que para ele devem ser consideradas emergentes, que desenvolvam a cidadania e discutam as situações que se encontram o fracasso das escolas, motivadas pelo desinteresse de professores e alunos para com a verdadeira função social e criadora da escola e das razões da educação. Mostra de maneira sucinta o dever de privilegiar e priorizar a educação.

Entre tantos conhecimentos já produzidos pela humanidade, se faz necessário hoje fazer com que a escola faça um balanço, sobre os conhecimentos essenciais que cada aluno deve ter, de acordo com seu tempo, sua cultura e que relações que elas estabelecem dentro e fora da escola, contribuindo na política e na sua função social de seu cotidiano. “O papel essencial da escola é oferecer ao educando, ferramentas para dominar a vida e compreender o mundo” (PERRENOUD, 2000, p. 119).

Acredita-se que o trabalho na educação não pode mais ser isolado, deve ser interdisciplinar, passando por uma articulação da ciência, da ética e da política. A escola deve redimensionar quais são as suas debilidades e quais são as suas fortalezas, assegurando a assimilação de novos conhecimentos e a capacidade que cada criança tem da auto-aprendizagem.

3 O PSICOPEDAGOGO NAS RELAÇÕES DA FAMÍLIA E A ESCOLA: INSATISFAÇÕES NA EDUCAÇÃO

O psicopedagogo atua nas escolas promovendo intercâmbios e mediações entre a escola e as famílias, mas quando não é possível, a saída é o professor procurar as práticas emergentes para poder ensinar, para satisfazer seus anseios e objetivos, pois as “famílias” são e serão sempre “famílias”.

Enquanto a escola for cercada a esse novo sistema da obrigatoriedade das crianças estarem nela, as famílias apoiadas pela lei se sentem na “obrigação de mandarem os seus até ela através da força da lei, e realmente esperam da escola exatamente o que ela está oferecendo agora” de mandar seus filhos para a ela, e ela lhes entregar seus filhos prontos, e dessa forma passa a escola ser a única compromissada e vigiada por essas, tanto pelas leis ou pela sociedade, mas se esquecem da parte que poderia ser a mais importante; a da seriedade e do comprometimento, da tomada de atitude, da efetiva vontade dessas famílias também fazerem parte desse momento precioso da vida que é o tempo que seus filhos vão para a escola, que muitas vezes essa escola é imaginária aos olhos de alguns dos pais, pois nunca chegaram até ela para verificar se seu filho está satisfeito ou não, aprendendo ou não; não interessa.

Simplesmente, se descarrega o filho na porta da escola preservados e protegidos por leis de todos os lados e fica assim esclarecido que quando saem dessa escola sem o sucesso emergente, “é a escola que não soube educar”, é a escola quem não ensinou seu filho a ser um

homem; e quando no fato contrário, o do “sucesso”, aí se esquece da escola. Aí foi esforço exclusivo dos pais e nunca da escola.

A educação vem lutando com muitas dificuldades. A sua própria forma de ser entrou em crise.

Para Tiba:

Durante muitos séculos, o ensino baseou-se num paradigma: o professor ensinando para os alunos na sala de aula. [...] o professor é detentor do conhecimento [...] não são consideradas as diferenças existenciais entre crianças [...] E todos os estudantes devem apresentar o mesmo desempenho. [...] nos últimos anos deixou de ser prioritária nos esquemas políticos, e o sistema escolar começou entrar em falência [...] assim os maiores prejudicados foram os professores e os alunos. [...] as conseqüências imediatas dessa situação são o desinteresse dos alunos de aprender e a diminuição da capacidade do professor em ensinar. [...] repetências, migrações e abandono escolar são ocorrências muito freqüentes, que acabam escapando do controle de seus responsáveis. [...] o interesse é que o sistema educacional entra em falência numa época em que as crianças vão para a escola cada vez mais cedo. [...] as mães raramente trabalhavam fora de casa [...] Hoje, não! A mãe trabalha fora, [...] com o mercado de trabalho cada vez mais competitivo [...] Como as crianças não têm com quem ficar em casa [...] estão sendo colocadas na escola ainda em tempo de educação familiar (1998, p.21 a 23).

Discute que os professores ainda não estão preparados e nem capacitados para receber ainda mais essa tarefa, que além de ensinar irá ter que criar. O que era antigamente o centro das atenções, hoje ele tem que dividir seu espaço com os potentes meios de comunicação de massa. O grande potencial que esses meios têm e interferem é maior do que possa imaginar. Ele possui uma grande variação tecnológica, com cores, efeitos, sons e movimentos, às vezes muito mais atraente e interessante do que àquelas aulas preparadas pelo professor, inúmeras vezes sem qualquer recurso envolvente que seja mais atraente do que o mundo lá fora.

É necessário que o professor tenha em mente que deve ter o poder de ensinar, mas que esse poder de ensinar ande junto como prazer de aprender, pois são dois grandes pontos que unidos na educação chamamos de ensinar aprendendo, pois o professor deve estar mais melhorado ao ato de poder ouvir mais. Escutar seus alunos. Cativá-los pelo poder da audição.

Em casa os pais não têm tempo mais de ouvir seus filhos. E se a escola também deixar de ouvi-los aí vem mais uma vez a frustração. Busca outros meios, cuidado, perigo! Pode levar ao desvio de conduta, o que chamamos de mau caminho.

Trata-se muito nas reuniões escolares sobre a indisciplina na sala de aula. São discutidos em reuniões pedagógicas sobre como o professor deveria lidar com atrasos, conversas paralelas, atos muitas vezes bem maldosos de vandalismo, roubos entre outros

desafios que cabem aos professores, por que não dizer: para os professores resolverem? Será que é mais fácil ensinar o aluno “desrespeitoso”, ou puni-lo?

Os professores ainda pertencem à geração de que é proibido proibir. O psicopedagogo deve intervir na escola estabelecendo limites, tornando as regras claras, a ausência delas favorece o abuso de muitos alunos e coloca exposto até a imagem do professor. “Uma das melhores maneiras de perceber a educação de um adolescente, é quando ele está com uma turma, sob o efeito da embriaguez relacional” (TIBA, 1998, p.119).

Se definida bem as regras, e tornadas elas bem claras a todos os que pertencem à comunidade escolar, não há porque temer ou censurar situações de convívio dentro de uma escola. Quando é construído o Projeto Político Pedagógico, é que se devem ter bem nítidas as obrigações, direitos e deveres de cada membro da comunidade escolar e os que dela necessitarem, sendo este compreendido como o eixo norteador de toda a ação pedagógica da escola.

Por meio do projeto pedagógico em ação, se formarão as personalidades dos alunos e se fortalecerá cada um dos membros da escola que, conscientes dos objetivos a serem trabalhados, seu significado e seus valores que o sustentam, reavaliarão, na própria prática, as suas vidas e as suas prioridades. Reside aí, neste processo de gestão da educação, o grande valor da construção coletiva e humana do projeto pedagógico formador (FERREIRA, 2001, p. 112).

Está tão preocupante essa situação de desinteresse por parte dos membros da escola. Estamos vivendo na geração do TANTO FAZ. Muito se ouve: tanto faz se eu passar de ano; tanto faz se os pais vêm ou não participar das ações da escola; tanto faz se põe ou se fica de castigo...; entre outros tanto faz! “Se os pais dos jovens que formam uma turma não se conhecerem e nem se comunicarem, estarão nas mãos dessa turma, que irá manipulá-los facilmente” (TIBA, 1998, p.167).

É preciso redefinir as regras. É preciso que a escola recorra a profissionais especializados se for o caso (psicólogo, psicopedagogo etc.). Compreender que não são mais toleráveis alunos e professores apáticos. Toda a comunidade escolar deve se abrir e estar disposta para ter no mínimo um pouco mais de interesse e estar apto à mudança. Os pais devem exercer um pouco mais da função de serem pais. E a escola se preparar para receber os alunos nessa nova era de transtornos em variados ressignificados propostos à incumbência do ato de ensinar, mas ensinar com amor, isso significa que é preciso também ter amor àquilo

que se faz na, e para, a escola, com muito mais diálogo, trocas e divulgações de conhecimentos e experiências, isso valorizará as produções dos alunos e dos professores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar, individual e coletivamente, em um momento em que a educação passa por um balanço nas suas várias competências que deve assumir para com seus alunos e sua família, é também poder considerar que dar-se os meios de um balanço pessoal ao educador e de seu projeto também de formação um pouco mais realista.

Os valores e os comprometimentos pessoais do educador são decisivos na relação da escola e da família, onde na escola têm-se atitudes que não dependem mais somente da família, mas as atitudes de ensinar os valores também está sendo repassadas para obrigatoriedade da escola.

Antes a escola servia como ponto de apoio para ensinar os conteúdos que seus pais , ou que as famílias não tinham conhecimentos necessários para passar aos seus filhos saberes sobre a ciência. Hoje além de ensinar os conhecimentos científicos, cabe a escola ter que ensinar os valores pessoais, a ética e o respeito uns para com os outros.

Pôde verificar que os educadores não estão mais satisfeitos com a educação. Para o educador já não cabe mais somente a tarefa de ensinar, mas a de ter que criar. Cada vez mais cedo se manda os filhos para a escola. Os pais necessitam deixa-los na escola para poderem trabalhar; não tem mais tempo para os seus filhos. E quanto ao professor deve considerar as diferenças, tem por “obrigação” de deixar sempre seus alunos diante de situações ótimas de aprendizagem sempre respeitando as suas singularidades, e com se não bastasse, ainda são vigiados por todos os sistemas que rondam a educação em todos os lados.

As famílias hoje são compostas de filhos que já não são dos mesmos pais. Pai e mãe que vieram de outros relacionamentos. Filhos criados como filhos, mas não são filhos biológicos, é uma mistura de tudo. A família atual é construída em um sistema totalmente diferente como era constituída a família de nossos antepassados. Era tudo certinha, até se tinha concorrência na sociedade com os filhos “exemplares”. Pais ríspidos e com ordens firmes do que se podia e não se permitia fazer.

Atualmente a liberdade é confundida com libertinagem. A família, em certos casos já não tem mais limites do que pode ou o que não se pode fazer. Há certa cobrança, mas os

jovens já jogam na cara dos pais os seus erros do passado, os pais ficam sem saída e sempre acaba concordando.

E na escola acontece o mesmo. Eles vêm de casa sem limites, acham que podem fazer tudo e do jeito que querem. E na escola os educadores já não se dão mais o tempo de planejar, sentar, reorganizar suas rotinas, atender individualmente os pais, porque ela se cança com suas várias funções e tarefas que a ela são impostas no correr do ano. As vezes ocorre de professores somente se encontrar no final do bimestre, para fechar notas, falar mal de alunos ou elogiar o filho do fulano ou do cicrano. Tudo isso, esse corre-corre, esse empurra-empurra, essa competição, o stress, o cansaço, a falta valorização profissional, gera o quê? Muitos professores reclamam que já não suportam mais “a escola”. Que já vêem a escola como um espaço que como só sabem fazer aquilo, e que dar aulas qualquer um pode, estão lá sem estímulos, sem vontade de mudança, e a cima de tudo a preocupante falta de comprometimento desses profissionais.

Se a escola não se sente mais estimulada e comprometida em certos casos com a formação do ser humano, a família também esta deixando a desejar. A família e a escola são os dois pontos de apoio e sustentação ao ser humano.

A boa formação do sujeito pela melhor forma de se encontrar parcerias entre a família e a escola. Se os pais alegam já não ter mais tempo para seus filhos, a escola deve se reorganizar, se reestruturar, se redefinir sendo orientada por uma nova práxis pedagógica. O professor deve ter coletivamente com os seus alunos e suas famílias, uma esperança de mudança.

As crianças chegam até as escolas cada vez mais imaturas, e cabe não tão somente para a escola, mas também aos pais a preciosa tarefa de transformar essa criança imatura, através de uma grande reflexão realista para que ela tenha a oportunidade de transformar-se em um cidadão maduro; um sujeito capaz de interpretar, participar, que saiba definir as regras através de seus direitos e deveres. Uma pessoa que acima de tudo possa criar e ter possibilidades de um bom desempenho no seu futuro profissional e que, além disso, possa ter atribuições.

Neste artigo discuti um pouco a contribuição que o psicopedagogo têm na diminuição da distância entre ao que se aplica à aprendizagem seja ela em caráter individual ou coletivo, e ao comprometimento e diálogo que a família deve ter com a escola. A psicopedagogia analisa que é necessário por fim, considerar o sujeito como um corpo dotado de emoções, sensações (boas ou más), e também de um organismo com muita inteligência e muita cultura. Ela contribui ao fato de que a medida que esse aluno chega na escola ele atua em conjunto e

interage entre si, levando à isso muitas discussões, encontros, entrevistas. Através de uma relação enriquecida com os profissionais da escola e as famílias.

O psicopedagogo aproximando os pais da escola devem ajudar à esses, conhecer a ação educativa da escola onde seus filhos estão inseridos. Devem estabelecer um acordo comum, proporcionando assim a busca do bem estar entre ambas as partes.

Quando em casa não existe certa cobrança entre ao que se constitui na escola e na família a cerca do que se define em saber quais são as regras, ter punições e estabelecer o respeito, e que se explicita claramente as divergências entre os dois eixos(família e escola) diz-se que o diálogo não é igualitário entre ambas as partes. Vem aí a importância da escola e da família ter em si um bom relacionamento. Melhora a qualidade do trabalho do professor. Melhora a qualidade do desempenho e da aprendizagem do aluno. Contribui para a elevação da valorização e da auto-estima e da satisfação pessoal. Se transforma, se elabora e reelabora conhecimentos mútuos. Constrói-se a cidadania de maneira digna e melhorada comparada à qualidade de vida. Enfim, muito se tem a ganhar em ambas as partes. Pois juntas a família e a escola são os dois pontos de apoio fundamentais à formação do ser humano. Se pudesse medir as forças entre elas, seriam imbatíveis e incalculáveis na formação do caráter, do homem e do ser humano. Seria muito mais fácil da humanidade controlar a fome, a guerra, as doenças, as discórdias, se tanto a escola quanto as famílias aprendessem que juntas elas são essenciais. Mas o que precisa aprender urgentemente é “ouvir mais”. A escola precisa ouvir mais! As famílias ouvir mais! Os órgãos de competências, ouvir mais! Enfim! Ouvir e ouvir muito mais. Hoje a sociedade necessita de pessoas que trabalham em grupo. Que sejam capazes de se articular em conjunto. Que aprendam e ensinem coletivamente, um ouvindo o outro, e se ouvem, também são capazes de articular novos conceitos e formular novos conhecimentos. E que sabe assim se acabaria com as diferenças que afastam e que separam as relações da família e da escola.

5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Vygotsky, quem diria?!** Em **minha sala de aula**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes 2003.

BASSEDAS, E. **Aprender e Ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FAVARETTO, C. A Educação Vista Pelos Olhos do Professor. In **Nova escola**. São Paulo, ano XXII, n.207, p. 32 a 39, novembro de 2007.

FERREIRA, N.S.C. (Org). **Gestão Democrática da Educação: atuais tendências, novos desafios**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GENTILE, Paola. A Educação Vista Pelos Olhos do Professor. In **Nova escola**. São Paulo, ano XXII, n.207, p. 32 a 39, novembro de 2007.

PERRENOUD, P. **Pedagogia Diferenciada**. Das Intenções a Ação. Porto alegre: ARTMED, 2000.

_____. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

TIBA, I. **Ensinar Aprendendo**: Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. São Paulo: Gente, 1998.

KATAFIASZ, K. **Terapia do Professor**. 10ª edição. São Paulo: PAULUS, 2004.